



Resenha: Sarau Elo da Corrente 13 anos: tambor, território e oralidades. Organização: Coletivo Literário Sarau Elo da Corrente. São Paulo, Avangi Cultural, 2021.

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i22.51374>

Autor: Michel Yakini¹

O coletivo Sarau Elo da Corrente foi criado em 2007 em Pirituba, zona noroeste de São Paulo, na cena da Literatura Periférica, movimento que tem como base os saraus de poesia falada, a publicação de livros e a formação de novos escritores e leitores. Essa cena ganhou força com o Sarau da Cooperifa, idealizado

¹ Michel Yakini (Michel da Silva Ceriaco). Mestrando em Educação da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) - Campus Sorocaba (PPGEd-So). Escritor, poeta, editor, produtor cultural e artista-educador. Fundador do Coletivo Literário Sarau Elo da Corrente. Email: michelyakini@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-2251-9084>

Recebido em 31/08/2021, aceito para publicação em 25/01/2022 e disponibilizado online em 01/03/2022.

em 2001 por Sérgio Vaz e Marco Pezão, e o Sarau do Binho, idealizado em 2004 por Robson Padiãl (Binho) e Suzi Soares, ambos da zona sul de São Paulo.

Nesse contexto, o Elo da Corrente lançou, em 2021, o livro *Sarau Elo da Corrente 13 anos: tambor, território e oralidades*, publicado pelo selo Elo da Corrente Edições, com recursos da Lei de Fomento à Cultura da Periferia, do município de São Paulo. Essa obra contém textos dos organizadores; de pesquisadores; além de poesias, prosas curtas e fotografias que ilustram a história do coletivo.

O projeto gráfico do livro é de Carol Zeferino e a concepção editorial é de um conselho formado por: Douglas Alves, Érica Peçanha do Nascimento, Michel Yakini, Raquel Almeida, Sergio Ballouk e Walner Danziger.

A obra inicia com *Entre Ladeiras e Lembranças: pequenas memórias periféricas*, de Douglas Alves, no qual ele relata sua chegada no Elo da Corrente. Numa caminhada pelo bairro, voltando da faculdade, ele percebeu um silêncio que pairava numa noite de quinta-feira no bar do Santista, "mas não era um silêncio vazio e opaco sem palavras, não era o silêncio autoritário que alguns agentes do estado impõem na quebrada, era o silêncio de respeito" (p.12). Para Douglas, a experiência como ouvinte e organizador do sarau é equiparável a "de cursar um ensino formal, pois para além do acúmulo intelectual, podemos também nos formar enquanto sujeitos de ação a partir de nosso lugar no mundo" (p.16).

Em *Mulheres viajantes, entre bairros, coletivos e sonhos*, Raquel Almeida, fundadora do coletivo, analisa a presença das mulheres no sarau, e sua relação com o coletivo. Ela tensiona as relações de gênero, afirmando que "nós mulheres não tínhamos tal reconhecimento; porque na maioria das vezes, éramos tidas como a mulher do cara que ajuda no sarau, a amiga do cara que ajuda no sarau e nunca como a organizadora, a poeta" (p.20). Assim, surgiu uma parceria que fomentou debates, trocas de conhecimento e articulação numa "rede de mulheres pretas periféricas" (p.25), que garantiu maior visibilidade e equidade da presença feminina nesses encontros.

Michel Yakini, também fundador, apresenta *Flores de Xique-xique - Colheitas matutas de um sarau*, onde analisa a poética nordestina do cordel, do aboio e da rima sertaneja nos encontros do Elo da Corrente, já que "a presença de nordestinos em Pirituba é tão marcante que uma parte do Jd. Nardini (...) é chamada de

Remanso, em alusão a cidade do interior da Bahia, por abrigar muitas pessoas vindas dessa cidade" (p.38). Os símbolos dessa presença são os poetas João do Nascimento e Zé Correia, conterrâneos de Chorrochó (BA), que se conheceram no bar do Santista. Esse encontro resultou na participação de 18 poetas do sarau à Festa de São Benedito em Chorrochó (BA), em 2010.

Nesse sentido, a escrita dos organizadores, abrindo a primeira parte da obra, ilustra os eixos que orientam as ações e pesquisas do Sarau Elo da Corrente, que primam pela difusão e valorização das culturas periféricas, negras e nordestinas, assumindo um pertencimento territorial e ancestral, também ligado aos movimentos migratórios vindos do nordeste ao longo do século XX .

A segunda parte do livro é dedicada aos textos de Dinha (Maria Nilda de Carvalho Mota), Érica Peçanha do Nascimento e Salloma Salomão Jovino da Silva, que representam a parceria entre o Coletivo Elo da Corrente e os pesquisadores acadêmicos.

Em *Os muitos elos de um sarau periférico*, a antropóloga Érica Peçanha situa o Sarau Elo da Corrente no movimento literário das periferias, mas também aponta suas especificidades "como os raps, os sambas, as músicas de capoeira, a declamação de textos de escritores negros icônicos, bem como a valorização da identidade racial nos corpos e nas performances" (p.47). Além disso, destaca como os participantes do sarau ampliam sua participação profissional no campo educacional e cultural, numa "corrente que é, a um só tempo, cultural, comunitária, pedagógica e política" (p.50).

Maria Nilda de Carvalho Mota, conhecida como Dinha, contribui com *Elo da Corrente: uma estética toda nossa*, numa visão de quem é articuladora de coletivos e possui uma trajetória literária precursora nas periferias. Por isso ela considera o Sarau Elo da Corrente como "irmãs e irmãos que, na verdade há tempos estavam ao meu lado - e eu dos seus - por meio dos livros, dos versos replicados oralmente, vídeos e performances que circulam de mão em mão" (p.53-54). Na segunda parte do texto, intitulado *Espólio e angu*, Dinha faz um paralelo entre a arte canonizada da branquitude e a arte periférica, afirmando que "de posse das técnicas brancas classemedianas (...) revolucionamos o fazer literário, reinventamos a oralitura,

demos nova vida às canções ditas populares e eruditas" (p.56-57), porque "a cultura branca, no Sarau, vira espólio de guerra: é útil, mas perde lugar de destaque".

Já Salloma Salomão, artista e intelectual afroperiférico, nos brinda com *Literatura afroperiférica e saraus da paulicéia*, fazendo análises históricas, políticas, estéticas, e refletindo as contradições desse movimento. Salloma cita que algumas lideranças culturais como Mário Pazzini, Sérgio Vaz e Marco Pezão, surgiram "justamente no momento em começaram a desaparecer, fazer falta ou perder força de mobilização popular, as lideranças comunitárias advindas dos movimentos sociais e sindicais ativos nos anos 1970/1980" (p.69). Também aponta a importância do movimento *hip hop* e de ícones como a escritora Carolina Maria de Jesus, que trouxeram possibilidades de "se contrapor a tendência de apagamento, esquecimento e invisibilidade" (p.80) das pessoas negras. Para ele, os poetas dos saraus "encontraram na escrita criativa um motor que lhes permite se deslocar no tempo e espaço, sem sair do lugar onde estão confinados pela condição e hierarquia sociais" (p.73).

Por fim, o livro destina espaço para a força motriz do sarau, a poesia e a prosa curta, seja de escritores com vasta publicação autoral, como Sergio Ballouk e Walner Danziger, ou de estreantes como Susana Malu Córdoba e Jandir Nascimento, bem como acontece nas noites de sarau, onde o espaço é aberto a todas as pessoas, independente da trajetória. Há também uma seção destinada ao catálogo do Elo da Corrente Edições, apresentando 14 títulos, e um "salve!" de agradecimento.

Portanto, essa obra documental simboliza um importante registro não só do Coletivo Elo da Corrente, mas de todo movimento literário das periferias, que vem sendo construído de forma autônoma e criativa, mesmo em cenários adversos, garantindo que a arte e o conhecimento, produzidos num fazer local, faça parte dos territórios e das pessoas que sobrevivem e se reinventam nos arrabaldes da grande metrópole.